

RÁDIO INTERFERÊNCIAS

MEMÓRIA FUTURA

REFLEXÃO PEDRO NEVES



“O que fazer com esta praça?”. Foi, talvez, a frase que mais nos foi ecoando na cabeça durante a construção do processo que ali nos levaria no dia 9 de Julho de 2022.

Depois das interferências individuais - sendo que, na verdade, nunca o foram porque acabaram todas por serem momentos coletivos - era o momento de nos juntarmos numa interferência que marcaria o final deste projecto. Pelo menos, e assim o esperamos, das Interferências 1.0. Haja vontade política para que se concretize a 2.0 e assim por diante. As portas já estão abertas, não só fruto do nosso trabalho mas, essencialmente, do enorme esforço, cheio de amor e minúcia, desenvolvido pelo Teatro da Didascália no contacto com a população e com a classe política regional.

Em Novembro de 2021 tinha coordenado uma Interferência - O vendedor de rebuçados apresenta-se indecentemente descalço - que ocupou a sala do antigo Cine-teatro Imperador, hoje Casa da Criatividade, com as memórias de outros tempos em que vários cinemas brotavam pela cidade. Foi um momento muito bonito com projecção em três telas e a banda sonora interpretada ao vivo. Senti bem o calor humano que se espalhava numa noite fria. E senti bem o quanto as pessoas se sentiam valorizadas tanto por serem ouvidas como por participarem na construção de um filme-espectáculo em que todas as ideias eram bem-vindas.

Agora que éramos quatro pensaríamos em algo que nos entusiasmasse e que entusiasmasse do mesmo modo os participantes. É que se há algo que sabemos, é que sem entusiasmo as coisas não correm bem e o prazer do trabalho transforma-se rapidamente em algo penoso que ninguém deseja.

Fomos começando as nossas conversas no Espaço da Cassandra, a companhia da Sara. Entre os bolinhos, o chá ou os croissants com requeijão e doce de abóbora trazidos pela Cláudia, as coisas iam começar a surgir. O quadro negro foi sendo traçado a giz. Era, no fundo, o desenho de uma ocupação. Íamos ocupar a praça Luís Ribeiro. Só restava saber exactamente como. Pensámos em muitas coisas, de debates sobre o espaço público ou a gestão da água a projecções de vídeo, passando por desenhos, instalações sonoras, plantação de árvores ou plantação de hortas comunitárias. Pensámos em convidados, convidadas, artistas que podíamos levar connosco, skaters, pintores, fotógrafos. Pensámos num projecto que, à medida que iam acontecendo as sessões, se ia desenvolvendo e criando discussão crítica. O quadro negro foi ficando mais riscado, mais ocupado por ideias, frases, pensamentos.

O tempo foi passando. As respostas oficiais não vinham, as sessões iam sendo adiadas ou suprimidas. O que tínhamos pensado ia sendo equacionado. Fomo-nos adaptando e num jardim de São Lazaro, no Porto, pensámos num áudio-guia, onde os participantes iriam construir vários caminhos sonoros entre os espaços que foram sendo trabalhados no Interferências 1.0 e a Praça Luís Ribeiro.

Só que as ideias são mutáveis, o tempo não estica (pelo menos o tempo em nos habituamos a viver e a simplificar) e, afinal, numa construção colectiva pensa-se colectivamente. Surgia então a ideia de construirmos uma rádio feita pela comunidade para a comunidade.

As sessões foram feitas com muito entusiasmo. Foram feitas entrevistas que nunca tinham sido feitas, houve mãos que pegaram em gravadores que nunca tinham visto, vozes que falaram para microfones que só tinham conheciam da televisão. Acabámos por ir construindo um estúdio, principalmente com as indicações do César, no segundo andar do Parque América, onde havia uma enorme janela envidraçada para a Praça. Isto permitia-nos ver a praça, ao mesmo tempo que, nos dias mais quentes, íamos cozendo lentamente. Só que o calor não demoveu ninguém e as vontades juntaram-se. Criámos um nome em votações democráticas e devidamente auditadas por um dos participantes, o Tomás, que mais tarde viria a fazer a realização da emissão em vídeo em directo que foi mostrada no decorrer da sessão. Foi desenhado um logotipo com as intervenções de todos e que acabou numa colagem da Cláudia, O esforço da Vera e da Anaïs fizeram com que fossemos ter uma frequência FM durante uma hora. Sentámo-nos em círculos, falámos de pé, percorremos a praça com entrevistas, isolámos o som com caixas de ovos (pensámos até que o José António tinha assaltado várias mercearias, tal foi a quantidade de caixas com conseguiu trazer), colocámos as mesas, os microfones, os computadores para fazermos a edição dos áudios. O entusiasmo, os risos, sorrisos, pancadas nas costas e abraços mostravam-nos que valia a pena. Quando víamos a Maylet a chegar entusiasmada depois de um dia duro de trabalho, o António Francisco a trazer-nos mimos em forma de bolinhos, rebuçados, tremoços ou pêssegos, o Paulo a pendurar as caixas de ovos, a Ivana e o Ilan de volta do gravador, a Teresa e a Margarida a dividirem textos, a Lis a gravar os jingles que o Vítor iria montar, o Jorge a decorar os textos que os olhos não lhe permitem ver, a Natália com a alegria que contagia, o José António a relatar e o José Fernando dizer que ali se sentia em família, sentíamos que estávamos no lugar certo e com as pessoas certas. De facto, estamos sempre com as pessoas certas quando há solidariedade, entreajudade, amizade e profissionalismo. E quando, em conjunto, conseguimos trilhar caminhos que abrem portas que não se fecham mais, sonhos que se permitem ser continuados, amizades que ficam e experiências que se querem repetir. À Sara, à Cláudia, ao César, à Vera, à Annais, ao Teatro da Didascália (Valter, Bruno, Cláudia...) e a todos os participantes, obrigado por me terem dado este privilégio que culminou num dia tão quente como feliz.

14 de Julho de 2022,

Pedro Neves